



A Santa Sé

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA MORTE DO PAPA PAULO VI

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo, 16 de Setembro de 1979

1. No Evangelho de hoje, São Marcos refere o mesmo acontecimento descrito por São Mateus no capítulo 16. Nas proximidades de Cesareia de Filipe, interroga Jesus os discípulos: *Quem dizem por aí que eu sou?* (Mc. 8, 27.) Após diversas respostas, toma a palavra Pedro e diz *Tu és o Cristo* (Mc. 9, 29) (que quer dizer «o Messias»). No Evangelho de Mateus a resposta é: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo* (Mt. 16, 16). E segue-se a bênção, dirigida a Pedro por causa da sua fé, e a promessa que principia com as palavras: *Tu és Pedro* (pedra, rocha) (Mt. 16, 18). Texto sublime, que todos sabemos de cor.

Na redacção de Marcos, pelo contrário, imediatamente depois da confissão de Pedro «Tu és o Cristo», Jesus passa ao anúncio da sua morte: *O Filho do homem tinha de sofrer muito ... e ser morto, e ressuscitar depois de três dias* (Mc. 8, 31). E então Pedro, como lemos, começou a repreendê-lo (Mc. 8, 32). Segundo Mateus a repreensão foi esta: *Deus Te livre de tal, Senhor. Isso não Te há-de acontecer!* (Mt. 16, 22). Pedro não quer que fale Cristo da paixão e morte. Não é capaz de aceitá-las com o seu coração que ama de maneira humana. Quem ama quer preservar a pessoa amada, mesmo no pensamento, mesmo na imaginação. Todavia, Cristo repreende Pedro, repreende-o severamente. Esta repreensão, que encontramos no Evangelho de Marcos hoje lido, é ainda mais significativa no texto de Mateus, pelo contraste com as palavras precedentes, que tinham servido para Cristo abençoar Pedro e anunciar-lhe o primado na Igreja. É exactamente o primado que não permite subtrair-se ele ao mistério da Cruz, não permite afastar-se, nem sequer uma polegada, da sua realidade salvífica.

2. Reunimo-nos hoje na Basílica de São Pedro para comemorar o primeiro aniversário da morte do Papa Paulo VI. Já o fizemos no dia mesmo do aniversário: 6 de Agosto, na festa da Transfiguração do Senhor, naquela casa, em Castel Gandolfo, em que, há um ano, ele concluiu a

sua jornada terrena. Hoje fazemo-lo de modo solene na Basílica Vaticana, onde há mais de um ano repousam, na cripta, os despojos mortais do grande Papa. A sua grandeza encontra o fundamento no mistério da cruz de Cristo. Como Sucessor de Pedro, ele aceitou aquela bênção e todo o conteúdo da promessa messiânica, que foi pronunciada na região de Cesareia de Filipe, e aceitou, em toda a sua plenitude, o mistério da cruz. Levou esta cruz e não só nas mãos, caminhando todos os anos seguindo as pegadas da Via-Sacra no Coliseu romano. Levou-a dentro de si, no seu coração, em toda a sua missão: ... *Deus me livre de me gloriar a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo (Gál. 6, 14)*. Estas palavras do Apóstolo, cujo nome ele tomara no ano de 1963 no início do pontificado, foram confirmadas por toda a sua vida. Paulo VI: apóstolo como o foi o Apóstolo Paulo. E assim, como Paulo Apóstolo, poderia ele completar aquela sua confissão da glória na cruz de Cristo, dizendo: pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo (*Ibidem*). E talvez estas palavras sejam uma chave essencial para se compreender a vida de Paulo VI, assim como o são para se compreenderem a vida e a missão de São Paulo.

3. A cruz, como insinua na liturgia de hoje o profeta Isaías e depois o Salmo 114 (115), tem uma dimensão sua, interior; Paulo VI conheceu esta dimensão interior da cruz. Nem lhe foram estranhos os «insultos» e os «escarros» (Cfr. *Is. 50, 6*), que suportou como mestre e servo da verdade. Nem andaram alheias da sua alma aquela tristeza e aquela angústia (*Sl. 114 (115)*) de que fala o salmista. Tristeza e angústia, que nascem do sentido da responsabilidade pelos mais santos valores, pela grande causa que Deus confia ao homem; tristeza e angústia que só podem ser vencidas na oração; só podem ser vencidas com a força duma confiança sem limites: *O Senhor é bom e justo, o nosso Deus é misericordioso. O Senhor protege os humildes: fui um miserável e Ele salvou-me (Sl. 114 (115), 5-6)*. Paulo VI era o homem dessa profunda, difícil — e precisamente por isto — inabalável confiança. E, precisamente graças a tal confiança, era ele a pedra, a rocha, sobre a qual, neste período excepcional de grande mudança depois do Concílio Vaticano II, se construía a Igreja.

Às provas interiores e exteriores da Igreja respondia com aquela inabalável fé, esperança e confiança, que faziam dele o Pedro dos nossos tempos. A grande sabedoria e a humildade acompanharam esta fé e esta esperança e tornaram-nas precisamente por isto, firmes e inflexíveis.

4. Ensinava-nos com as palavras e com as obras aquela fé salvífica, de que fala hoje de modo tão convincente, na segunda leitura, São Tiago: a fé, se não tiver as obras, está morta em si mesma (*Tg. 2, 17*). Ensinava-nos portanto Paulo VI a fé viva; ensinava a toda a Igreja a vida da fé à medida da nossa época. Que outra coisa, senão tal ensinamento da fé viva — ligada às obras — são as suas grandes encíclicas, em particular a «*Populorum Progressio*» e, noutra dimensão, a «*Humanae vitae*»? Hoje compreendemo-lo talvez melhor que há uma dezena de anos. A coerência entre a fé e a vida deve resumir de todas as obras. Deve manifestar-se em todos os campos do nosso proceder.

5. Seria difícil não fazer ressoar, ao recordarmos hoje o grande Papa, a sua voz, não fazer que se ouvissem as suas palavras, sempre tão cheias de fé e de caridade.

«Diante da morte, total e definitivo desprendimento, sinto o dever de celebrar o dom, a felicidade, a beleza e o destino desta mesma fugaz existência: Senhor, agradeço-Te por me haveres chamado à vida, e ainda mais porque, fazendo-me cristão, me regeneraste e destinaste à plenitude da vida ... Agora que a jornada acaba, e que, desta estupenda e dramática cena temporal e terrestre, tudo termina e se desfaz, como agradecer-Te, ó Senhor, depois da vida natural, aquele outro dom, ainda superior, da fé e da graça, em que afinal unicamente se refugia o que resta do meu ser? ... Fecho os olhos para esta terra dolorosa, dramática e magnífica, chamando uma vez mais sobre ela a divina Bondade» (PAULO VI, *Testamento*, 30 de Junho de 1965, ano III do Pontificado).

6. Escutando hoje estas palavras, pouco mais de um ano depois da sua morte, temos ainda nos olhos aquela partida. Vai-se embora cansado e deixa atrás de si uma grande herança. A morte desprende-o dos problemas desta terra, do ministério desta Sé. Parece dizer, como em tempos disse Pedro: *Senhor, manda-me ir ter contigo (Mt. 14, 28)*. E o Senhor deixa-o ir ter com Ele.

Nós todos, que participamos neste sacrifício eucarístico, para recomendar ao Eterno Pai a alma de Paulo VI, agradecemos tudo o que ele fez e tudo o que ele foi para a Igreja: *És feliz, Simão, filho de Jonas (Mt. 18, 17)*.

© Copyright 1979 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana